



# ● Cadavre Exquis e seus mentores

de 11 de Julho a  
11 de Setembro 2015

Exposição da  
1<sup>ª</sup> Bienal Arte de Gaia 2015  
Convento Corpus Christi

Perve  
Galeria  
  
Alfama



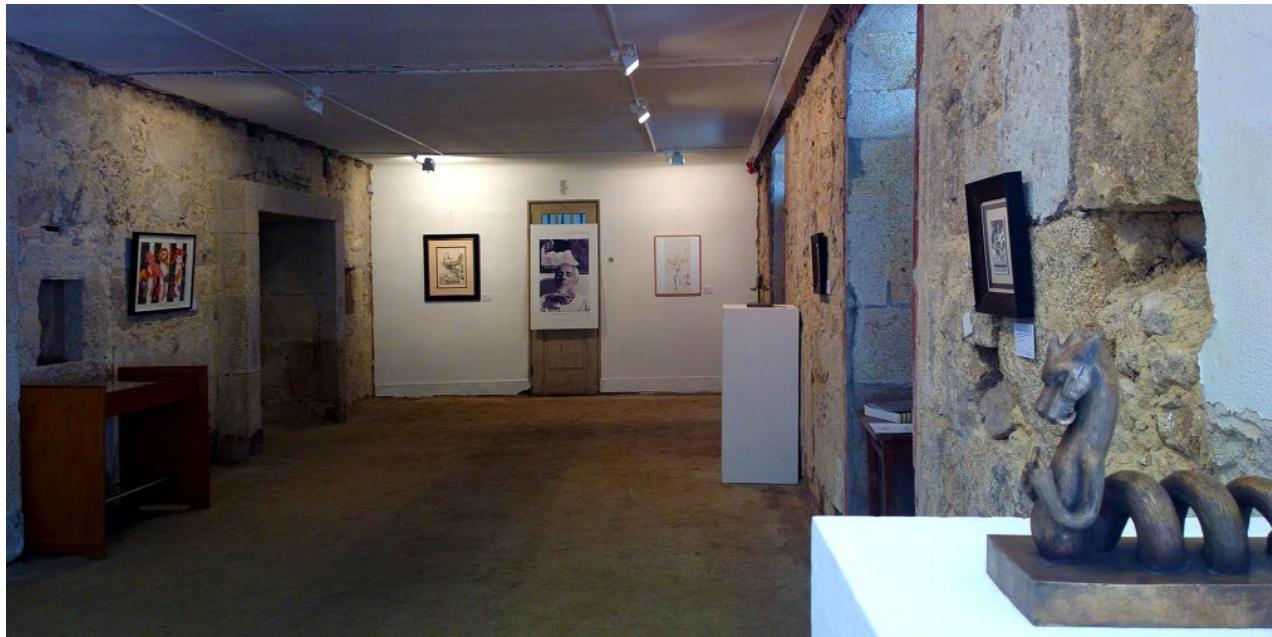


Imagen do 1º núcleo expositivo, "A heterodoxia do Cadavre Exquis", na sala de entrada do Convento Corpus Christi, Gaia.

Imagen da capa: **José Escada** Sem título, papel recortado, 30x30x10 cm, 1974 JE01

# Um título-programa como pretexto para o lugar do sonho

Pretendeu-se, com a exposição intitulada “O Cadavre Exquis e os seus mentores”, contribuir para o reconhecimento de autores que consideramos fundamentais na criação artística em Portugal e que, com o seu labor, iniciado ainda na primeira metade do séc. XX, conseguiram, de forma ímpar, abrir caminho a novas expressões e linguagens poéticas e visuais, factos mais do que reconhecidos dentro e fora do meio artístico.

Associar estes autores, a maioria Surrealistas filiados no movimento iniciado em Portugal na década de 1940, e suas práticas artísticas, a uma primeira edição da Bienal de Gaia, é algo que entendemos como sinal claro de vitalidade da iniciativa cujo comissário geral, Agostinho Santos,

em boa hora fez questão de superlativar a importância destes autores na construção plástica nacional, sobretudo quando se olha para o valioso trabalho que realizaram em prol da liberdade criativa, especialmente atendendo à época em que muitos deles começaram o seu caminho, no transcurso da longa e repressiva ditadura onde muitos destes autores, por não alinharem com o regime, foram perseguidos e, em muitos casos, vexados.

A mostra, cujas obras fazem parte do acervo da Perve Galeria e do espólio da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, acontece neste imponente edifício de arquitectura barroca, o Convento Corpus Christi, colocando em diálogo, que esperamos profícuo, obras de arte sacra com as de alguns dos mais importantes autores do surrealismo português, que estiveram na origem da recuperação, directamente do movimento surrealista francês, do método de criação artística que ficou conhecido por Cadavre Exquis, fundado nos princípios da actividade colectiva e do automatismo psíquico puro.

Uma chama tão intensa e profundamente bela como a que foi acesa pelo surrealismo, numa altura complicadíssima da nossa história - entalado entre as duas guerras mundiais, com a guerra civil espanhola pelo meio e com toda a espécie de ditaduras e colónias esclavagistas que existiam - uma chama assim não pode nem, seguramente, irá apagar-se. Cesariny dizia, a propósito: “Não se inquietem, o Surrealismo existe desde sempre e jamais acabará”.

O reagrupar destes artistas, singulares e originais, mas próximos pelas sensibilidades e culturas, sublinha mais uma vez, o vigor do Surrealismo. O fio subterrâneo que os interliga, é o automatismo, na liberdade do sonhar acordado, que faz com que se reencontrem nas margens de rios imaginários, sob o nosso olhar maravilhado.

O que estes autores têm em comum, é ao mesmo tempo, e nas suas obras, um convite à viagem. talvez por estarem mais isolados do que os outros, os Surrealistas portugueses realizaram mais obras colectivas e privilegiaram mais o “diálogo”, que André Breton, fundador do Surrealismo em França, considerava como sendo a verdadeira essência da arte. Os artistas aqui apresentados, trabalharam, em muitos casos, juntos; quiseram recriar um laço com a forma, inventada pelo grupo francês em 1925, do Cadavre Exquis. Os cadáveres extraordinários na área do desenho, realizados pelos artistas portugueses, são cada vez mais complexos, e abandonam a estrutura base, que era a da “figura”, com distribuição anatómica: cabeça, tronco e membros. Estes autores realizaram obras, que se apresentam na exposição, do país dos sonhos, cadáveres extraordinários a tinta preta e a cor, que abrem as portas do reino das quimeras.

A escultura, por outro lado, aparece nesta mostra como que fazendo eco de um poema de Artur do Cruzeiro Seixas: “Onde cada coisa é uma pessoa e cada pessoa é uma coisa. Isto é, onde a mão trémula do escultor liberta e esculpe o nevoeiro.”

O contraste entre a quantidade de elementos figurativos, e o espaço vazio, é uma das características dos desenhos patentes na exposição: Um ponto de vista elevado e distante sobre a paisagem e o seu horizonte, que a confronta com uma visão frontal sobre as criaturas-objectos dos primeiros planos, favorecem essa “solidão de sinais”, procurada por Giorgio de Chirico. Mas ao invés de Chirico, que consegue a solidão pela rarefação, em muitas obras atinge-se essa dimensão, paradoxalmente, através da proliferação e do exagero, sendo as escalas constantemente quebradas; o princípio da metamorfose estende-se ao próprio espaço, que, de um ponto ao outro, se modifica sub-repticiamente, num jogo de espaços reforçado pela duplicação parcial de alguns personagens e objectos, especialmente evidentes em alguns dos desenhos apresentados.

Pégaso, o cavalo alado nascido do sangue de Medusa, é como um duplo do artista. O cavalo alado, tal como a barca, é um convite à viagem. Banquinhas cinzelados e icebergs bisotados emolduram um mundo gelado sob o qual se aninha um fogo ardente. Edouard Jaguer, que lançou em Paris Cruzeiro Seixas, ousou a imagem do “cristal onde o enigma se derrete na própria incandescência” e num princípio alquímico, como um transformador de energia, pensa-se no “l’air de l’eau” de Breton, onde já se misturavam a chama e a neve. Tudo isto, acompanhado pela sonora manifestação poética, sensorial, musical da grande nave Surrealista “do princípio do mundo, até

ao fim do mundo”, tal como nos legou Cesariny no final do magnífico poema cartográfico da liberdade e do amor “Navio de Espelhos”.

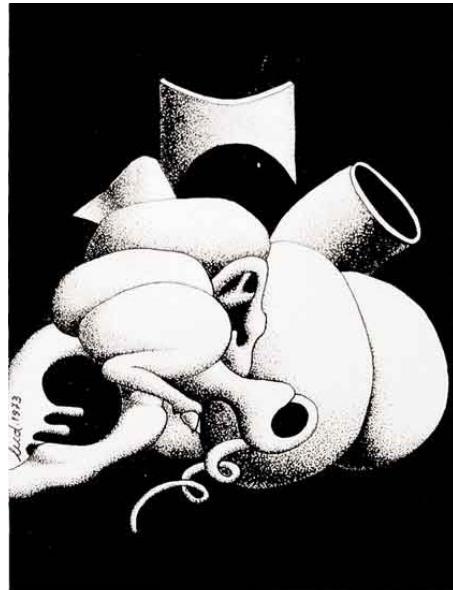
Paul Éluard sonhava com um mundo onde “os peixes cantam como pérolas” e os autores desta exposição, nascidos em épocas muito distintas, cujas obras percorreram o todo Século XX para chegarem até aos nossos dias, parecem ter sido movidos por essa inabalável certeza de que a vida corre sempre num sentido inverso ao real-quotidiano, o real fazendo-se sonho, como o é desta Bienal de Gaia que, espera-se, possa crescer, fortificar e expandir-se sem limite outro que não o céu mais longínquo e profundo.

Carlos Cabral Nunes  
curador da exposição, Julho de 2015.

Excertos de textos de Françoise PY, publicados no catálogo da exposição “Cadavre-Trop-Exquis”, Perve Galeria, Setembro de 2010.



**LUD** O Coelhinho que nasceu numa couve (conto de Pedro Oom). Cadavre Exquis, tinta-da-china s/ papel, 13x10 cm 1973 *LUD23*



**LUD** O Porquinho que dormia de costas (Ilustração p/ conto de Pedro Oom). Cadavre Exquis, tinta-da-china s/ papel, 9,5x12 cm 1973 *LUD24*



Imagens de obras de Martins Correia e José Escada, patentes no “salão do cadeiral”, Convento Corpus Christi, Gaia.

1º núcleo  
expositivo

# A heterodoxia do Cadavre Exquis



Imagens de 1º núcleo expositivo, "A heterodoxia do Cadavre Exquis", patente na sala de entrada do Convento Corpus Christi, Gaia.

[1]



[2]



**Fernando Lemos** Autoportrait [2] e Intimités  
(1), Impressão em gelatina e prata c/ viragem  
a selénio - Vintage Print, 20x20 cm anos 50  
FL02 / FL04



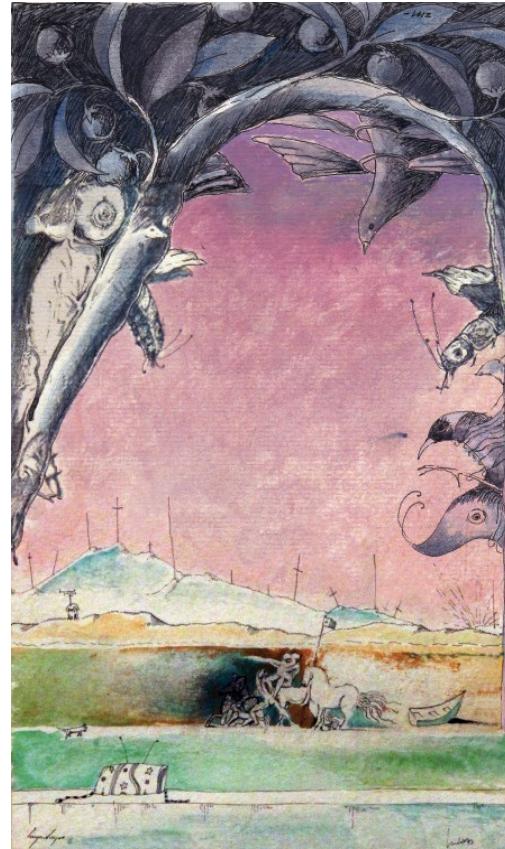
**Fernando Lemos** Nú lento, Impressão em gelatina e prata c/ viragem a selénio - Vintage Print,  
46.2x46.2 cm 1949-52 FL64



**Carlos Zingaro** The melting pot, Acrílico s/ papel, 59.4x42 cm 2014 CZ103



**LUD, Jacinto Luís** Apoteose, Cadavre-Exquis, Tinta da china s/ papel, 43x29 cm 1979 LUD26



**Cruzeiro Seixas, Alfredo Luz e Mário Botas** Sem título, Intervenção plástica de C. Seixas e A. Luz s/ serigrafia de obra de Mário Botas, 25.5x16 cm, anos 70/2010 CESQ\_AL\_MB32

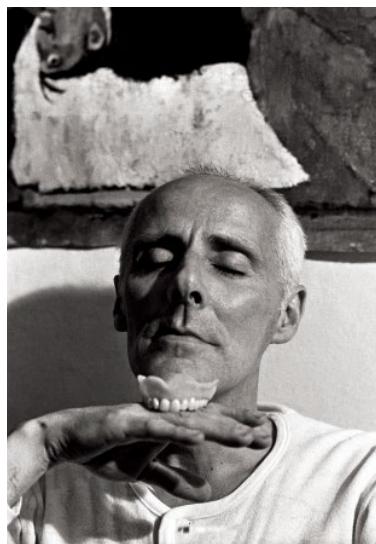


**Figueiredo Sobral** Espaço Mítico, Técnica mista s/tela, 58x90 cm 1970 FGS05



**Cabral Nunes, Eurico Gonçalves e Gabriel García**

Sem título, Cadavre Exquis feito no âmbito do  
2º Encontro de Arte Global, realizado no Panteão  
Nacional em 2008/9, Tinta-da-china e aguada s/  
papel, 64.5 x30 cm  
2009 CESQ\_2AG02



**Retrato de Mário Cesarin** por Eduardo Tomé  
1975



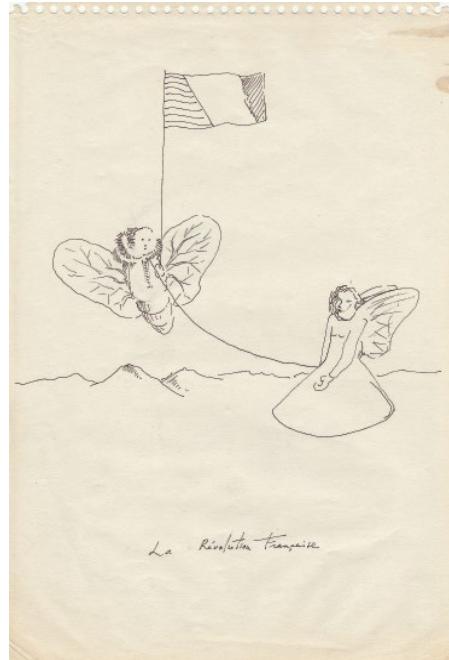
**Retrato de Cruzeiro Seixas** por Mário Botas  
1974



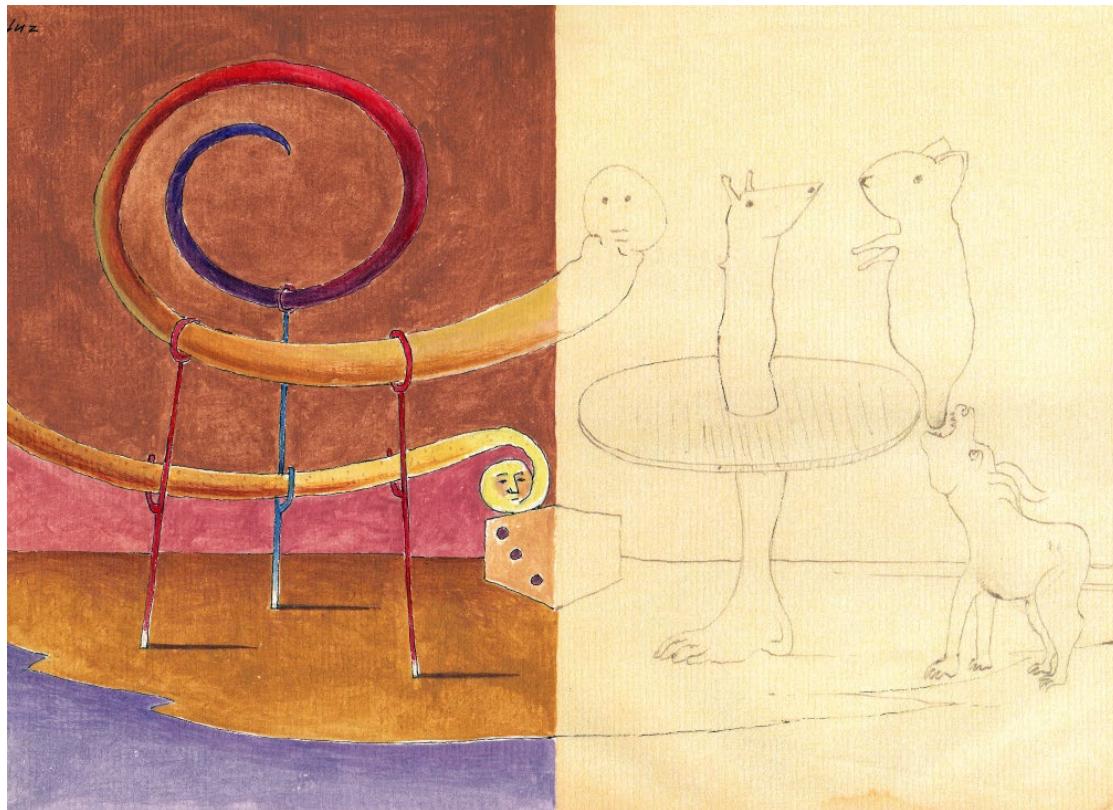
**Mário Botas** Sem título, Tinta-da-china e aguada s/ papel, 23x16 cm circa 1970 MB15



**Mário Botas** Sem título, Tinta-da-china s/ papel, 23x16 cm circa 1970 MB48



**Mário Botas** La Révolution Française, Tinta-da-china s/ papel, 23x16 cm circa 1970 MB14



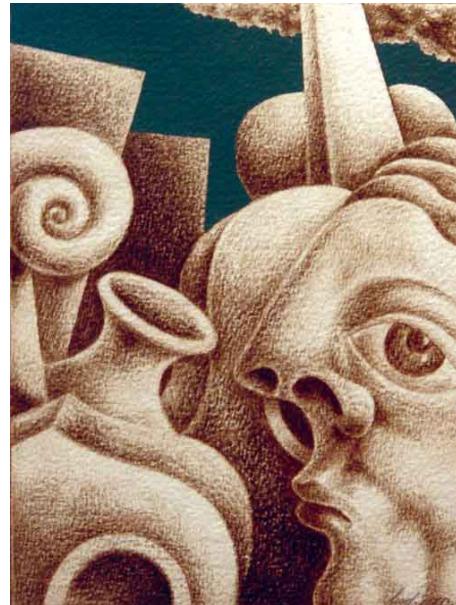
**Alfredo Luz e Mário Botas** Sem título, Intervenção plástica de A. Luz sobre impressão serigráfica de obra de M. Botas, 18.5x26 cm  
anos 70/2010 CESQ\_AL\_MB019



**Isabel Meyrelles**  
Le revolver à cheveux blancs  
(hommage à André Breton)  
Bronze cinzento claro, ed. 4/8  
25,5x26,5x17 cm 2008  
IM39



**Isabel Meyrelles**  
Auto-retrato  
Bronze dourado, ed. 3/8  
20x25x11 cm 2004  
IM31



**LUD** Sem título, Técnica mista s/ cartão, 18x13 cm  
2000 LUD10



Raúl Pérez Sem título, óleo s/tela, 65x54 cm 1963 RPZ07



Raúl Pérez Sem título, Tinta-da-China s/papel, 17x19 cm 1974 RPZ10



**Martins Correia** Sem título Bronze policromado,  
54x31x12 cm n.d. MC40



**Martins Correia** Sem título, bronze policromado,  
48x33x24 cm n.d. MC39



2º núcleo  
expositivo  
**Ortodoxia  
do Cadavre  
Exquis**



Imagens do 2º núcleo expositivo, "Ortodoxia do Cadavre Exquis", patente no Convento Corpus Christi, Gaia.

## Um percurso referenciado

A exposição, dividida em duas partes e dois interlúdios, procura enaltecer a riqueza e diversidade que o Cadavre-Exquis alcançou em Portugal. O primeiro momento expositivo é, genericamente, designado de "heterodoxia da criação colaborativa", por reunir obras de autores que, com exceção de Fernando Lemos, não fizeram parte de nenhum dos grupos fundadores do movimento Surrealista em Portugal. Por outro lado, as propostas plásticas, saídas da eventual normativa de construção colaborativa em processo de Cadavre-Exquis, permitem a contextualização na contemporaneidade da pertinência dessa proposta Surrealista, especialmente se considerarmos a reunião de obras de artistas como Cabral Nunes, Carlos Zingaro, Eurico Gonçalves, Figueiredo Sobral, Gabriel Garcia, Isabel Meyrelles, Jacinto Luís, Lud, Mário Botas e Raúl Perez, a par com a fotografia de Fernando Lemos, aqui incluído por, precisamente, a sua obra realizada no período inicial do Surrealismo em Portugal, não ter tido, entre nós, outros protagonistas com semelhante produção, o que equivale a dizer que se tratou de uma obra singularmente heterodoxa, não obstante a época em que foi realizada.

O segundo momento da exposição é dedicado à ortodoxia Surrealista, se assim podemos apelidar as propostas formuladas, a partir da década de 1940, pelo grupo "Os Surrealistas", que reuniu alguns dos vultos maiores da cultura portuguesa, como o são Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas, autores a quem este núcleo expositivo dá destaque, a par com António Paulo Tomáz, Carlos Eurico da Costa, Fernando José Francisco, Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leiria e Pedro Oom, todos tendo feito parte desse grupo Surrealista inicial, juntando-se obras de autores que, não tendo estado vinculados directamente a esse grupo, criaram afinidades plásticas e pessoais com os seus mentores, como são os caso de Natália Correia, João

Rodrigues e António José Forte, a que se juntam algumas obras de um autor cujo trabalho perpassou grande parte do Séc. XX, constituindo-se como um referencial simultaneamente singular e afim do universo Surrealista português: falamos de Martins Correia, artista cujas obras se incluem igualmente nos dois interlúdios expositivos, patentes na capela do convento Corpus Christi (onde também se podem ver obras de Isabel Meyrelles), no que será uma das primeiras manifestações em Portugal do legado (filosófico) de Bento XIV e de aproximação da Igreja à arte moderna e contemporânea, na medida em que as obras de arte dialogam sem preconceitos nem dogmas com as obras religiosas. O outro interlúdio, no salão do Cadeiral (onde as monjas se reuniam para orar) tem apenas 3 obras, todas elas significativas e de relação extraordinária, permitam-nos dizê-lo, com aquele espaço magnífico e monumental. As de Martins Correia, como se disse, e uma, de notável simbologia e sensibilidade, de José Escada dedicada a Cesariny em abril de 1974.

É assim, com esta obra paradigmática da atitude (libertária) dos Surrealistas em Portugal, que termina o percurso expositivo onde, na generalidade, as obras mostradas foram feitas para serem celebradas, antes que tudo, pela amizade e respeito que os autores nutriam uns pelos outros e pelo labor, onde a autoria individual se procurava diluir numa mensagem ou repto existencial sobremaneira mais vivificante e fundamental: o Cadavre-Exquis, portanto, como a mais elevada expressão colaborativa e colectiva de criação, para celebrar mais do que uma estética, uma ética, como bem afirmaram os seus mentores logo em 1949, algo que, hoje, merece (e tanta falta faz) reafirmar.

Carlos Cabral Nunes

**Martins Correia**

Ecologia  
Bronze e madeira  
policromado,  
80x50x20 cm  
n.d.  
MC14



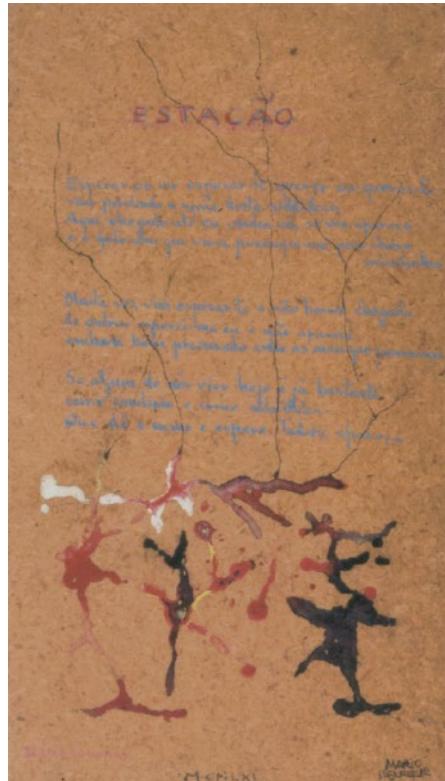
**Martins Correia**

Sem título  
Gouache s/ papel,  
20x20 cm  
n.d.  
MC13



**Martins Correia**

Sem título  
Técnica mista s/ papel  
40x40 cm  
n.d.  
MC08



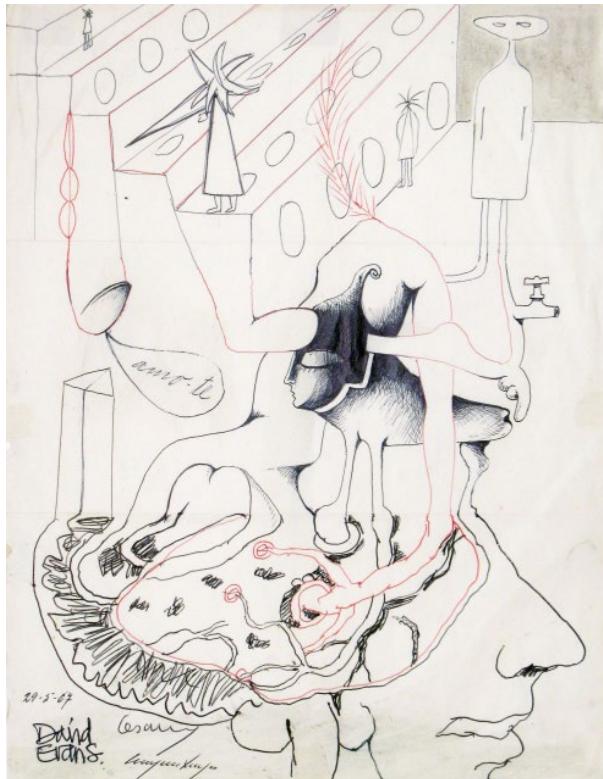
**Mário Cesarin e Mário Henrique Leiria** Estação  
Cadáver Exquisito, Técnica mista s/ madeira, 29x15 cm  
1961 CYS111



**Fernando José Francisco** Sem título Obra realizada na sequência da 1ª exposição de "Os Surrealistas" [1949] Acrílico s/ madeira, 48x44 cm circa 1950 FJF06



**Cruzeiro Seixas** Sem título, Óleo s/ cartão, 32.5 x 23.5 cm 1962 CS166



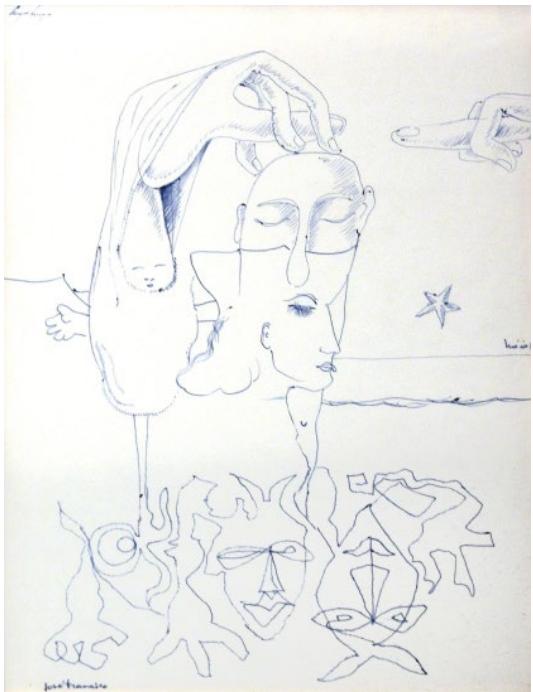
**Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e David Evans** Sem título, Cadavre Exqui, Tinta-da-china e esferográfica s/ papel, 27.5x 20.5 cm n.d.  
*CESQ\_CSY\_CS\_DE*

**Cruzeiro Seixas**

Sem título  
Bronze (nº 3/7),  
46x12.7x9 cm  
2011  
CS108



**Cruzeiro Seixas** Sem título, Têmpera e tinta-da-china s/ papel, 30.5x32.5 cm  
circa 1960 CS122



**Cruzeiro Seixas, Mário Botas e Fernando José Francisco**  
Sem título, Cadavre Exquis, Técnica mista s/ papel, 31x24 cm  
circa 1970 CESQ\_CS\_MB\_FJF01



**Cruzeiro Seixas** Duas ilhas, Têmpera e tinta-da-china s/ papel, 31.5x43.5 cm  
1978 CS150

**Mário Cesariny**

Fernando Pessoa ocultista  
Bronze, Prova de Autor.

Cadavre Exquis,  
realizado a partir  
de desenho (de 1957)

e orientação de  
Mário Cesariny.

Escultura original  
em gesso, executada  
por Isabel Meyrelles

33x11x13 cm

1957/81

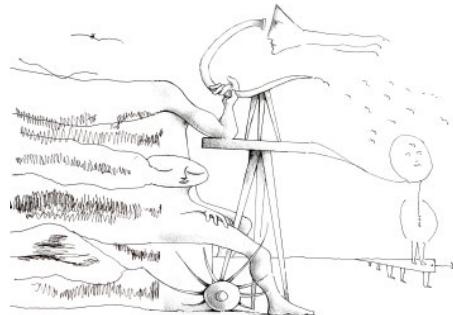
CSY009



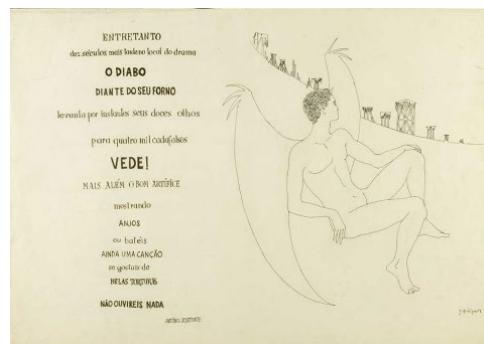
**Mário Cesariny** Sem título, Técnica mista s/ cartão, 47x60 cm 1948 CSY141



**Mário Cesariny** Sem título, da série "Passagem para a Índia", Técnica mista s/ papel, 29x21 cm 1999 CSY133



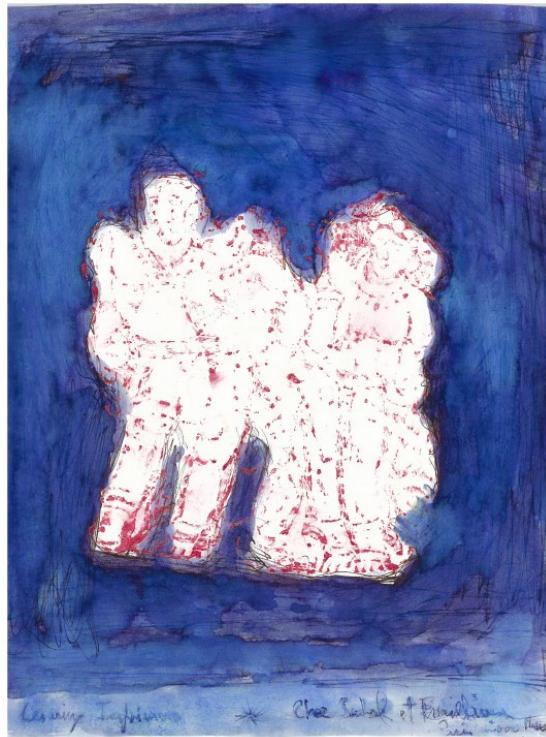
**Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco** Sem título, Cadavre Exquis feito no âmbito da última exposição dos 3 fundadores de "Os Surrealistas", Técnica mista s/ papel, 31.5 x 41 cm 2006 CESQ\_C1



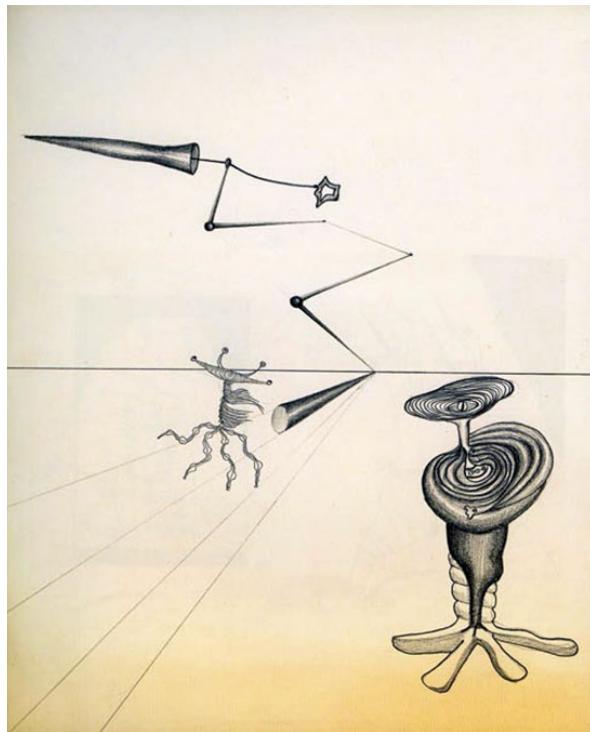
**João Rodrigues e António José Forte** Entretanto. Cadavre Exquis com poema de António José Forte e desenho de João Rodrigues, Tinta-da-china s/ papel, 43x61 cm 1959 JR02



**António Paulo Tomáz e Cruzeiro Seixas** Sem título. Cadavre Exquis. Intervenção plástica a gouache, realizada por Cruzeiro Seixas, Tinta-da-china e guache s/papel, 21x27.5 cm circa 1950 PT02



**Mário Cesarin** Sem título, Técnica mista s/ papel, 21x14.5 cm  
n.d. CSY142



**Henrique Risques Pereira** Sem Titulo, Obra realizada na sequência  
da 1ª exposição de Os Surrealistas (1949), grafite s/ papel 32.9 x 24.5  
cm circa 1950 RP05



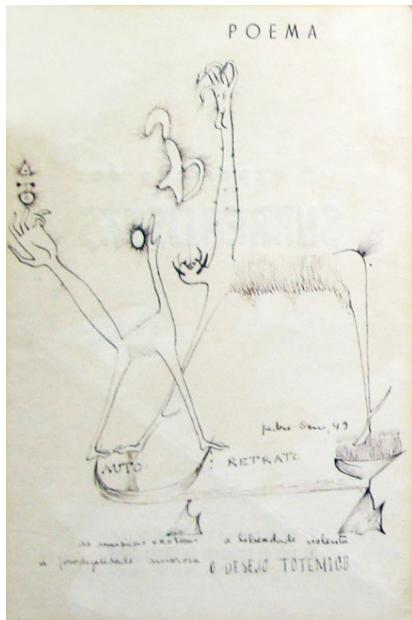
**Natália Correia** Ternura, poema e pintura. Dedicado a Mário Cesarin. Caneta e acrílico s/papel, 43x56 cm n.d. NC1



**Eurico da Costa** A caminho de Palaguim, Técnica mista s/papel, 28.5x24 cm  
circa 1960 EC02



**Eurico da Costa** Brasília, Técnica mista s/papel, 21x14 cm  
circa 1970 EC01



**Pedro Ohm** Tríptico: O desejo totémico; Les chantes de Maldonor; Sonho Doente, Tinta da china sobre papel. Realizado no verso das folhas-catálogo da 1º Exposição de "Os Surrealistas", 14x20 cm (cada) 1949 P00M02

**Martins Correia**  
Sem título  
Bronze  
policromado,  
61x15x11 cm  
n.d  
MC37



**Martins Correia**  
Alma Rupestre  
Bronze e madeira  
policromados,  
36x17x17 cm  
1971  
MC38



**Isabel Meyrelles  
e Benjamin Marques**  
Cadaire "trop"  
Exquis, tendo por  
base desenho de  
Benjamin Marques.  
Terracota pintada  
(folha de ouro e  
pratal),  
22x18.5x22 cm  
2010  
IM22

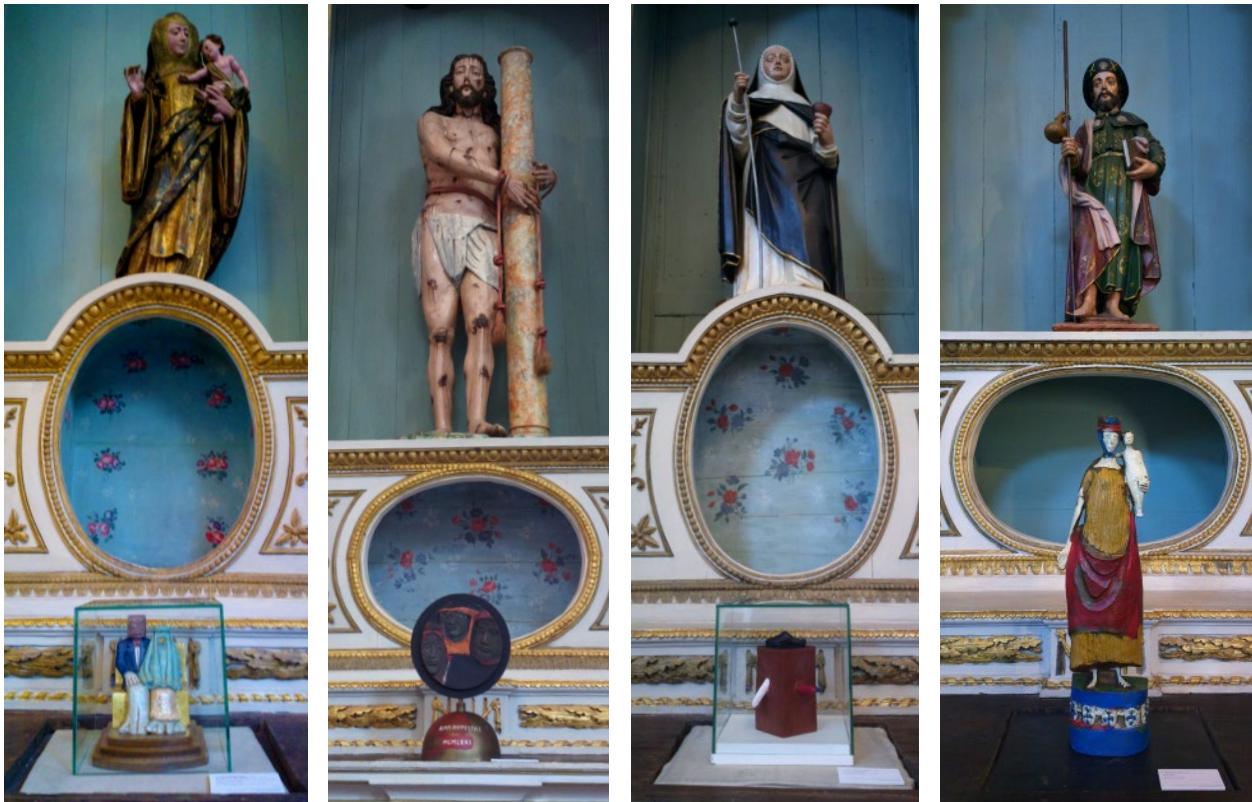


**Isabel Meyrelles**  
Marco Quilométrico  
Terracota  
envernizada e  
pintada,  
19x19x18 cm  
2012  
IM28





**Carlos Calvet** Sem título, Guache s/papel, 35x50 cm 1964 CC40



Obras de Martins Correia e Isabel Meyrelles expostas na capela

# Cadavre Exquis e seus mentores

conceito | curador

concept | curator

Carlos Cabral Nunes

direcção executiva

executive direction

Nuno Espinho

produção executiva  
e comunicação

executive production  
and comunication

Graça Rodrigues

design gráfico

graphic design

Carlos Santos

direcção artística  
art direction

Colectivo Multimédia Perve

Impressão e Copyright

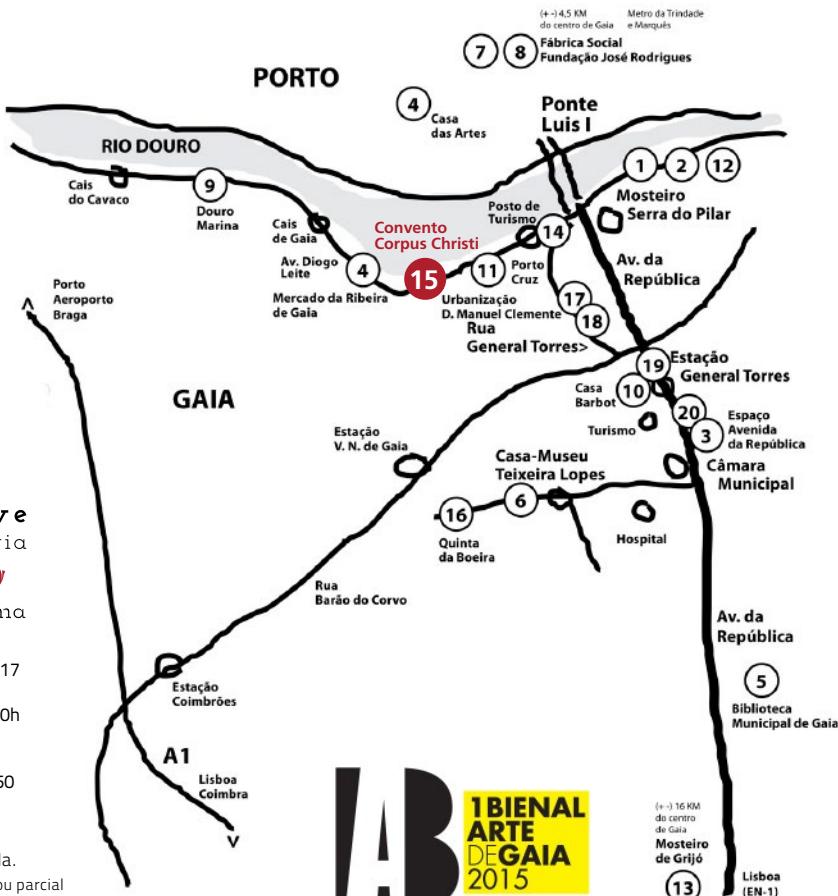
Perve Global - Lda.



Perve  
Galeria  
  
Alfama

Rua das Escolas Gerais, 13, 17  
e 19, 1100-218 Lisboa  
Horário: 2.º a sábado, 14h-20h  
galeria@pervegaleria.eu |  
[www.pervegaleria.eu](http://www.pervegaleria.eu)  
T. 218822607/8 | 912521450

CT-45 | Agosto de 2015  
Edição ©® Perve Global – Lda.  
Proibida a reprodução integral ou parcial  
deste catálogo, sem autorização expressa do editor.



IAB  
1 BIENAL  
ARTE  
DE GAIA  
2015

(+/-) 4.5 KM  
do centro de Gaia  
e Maiores  
Metro da Trindade  
e Maiores  
Fábrica Social  
Fundação José Rodrigues  
(+/-) 16 KM  
do centro de Gaia  
Mosteiro  
de Grrijó  
Lisboa (EN-1)